

QUARTO DE DESPEJO E O RACISMO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE LEITURA

Roberto Batista Henrique
robertohenrique53@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7233421125700869>

Deisi Luzia Zanatta
deisil.zanatta@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8512863768673611>

RESUMO

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta de prática de leitura com a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para estudantes da 1ª Série do Ensino Médio. A partir desse texto, busca-se refletir como o racismo está presente em trechos de seu texto e de que forma ele também está presente na escola, na forma do preconceito linguístico, o preconceito por cor da pele e o preconceito de classe. Para isso, a fundamentação teórica escolhida pauta-se nos pressupostos de Victor Cklóvski (1975), nos teóricos Vicent Jouve (2012), Terry Eagleton (1994), Rildo Cosson (2009, 2014) e *Quarto de Despejo* (2020). Essa obra nos proporciona uma visão de mundo ímpar, nas letras de sua autora, mulher, mãe solo, negra. A relevância dessa obra para a leitura e interpretação tanto de mundo quanto de lugar de fala é imprescindível para a formação de leitores na atual conjuntura brasileira.

Palavras-chave: racismo; negritude; mulher; formação do leitor na escola; literatura.

1 Introdução

No Ensino Básico, o vínculo com a empresa colonial portuguesa era quase que total. Muitos professores partilhavam da comunhão católica e, conseqüentemente, da política de direita. Há a recordação de uma professora de língua portuguesa na década de noventa, que não cansava de bradar em sala sobre as qualidades do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ou do professor de História, que obrigava os alunos a

cantarem o Hino Nacional todas às sextas-feiras. São lembranças que chegam de forma acrítica, passiva, a pura reprodução do colonialismo português, séculos depois. Já a formação universitária possibilitou conhecer e valorizar a cultura brasileira, sem deixar de criticá-la, e identificar os exploradores que hoje nos exploram friamente, com o divino consentimento. Com a Universidade, houve um entendimento da língua como algo mutável, flexível e que há, sim, possibilidades infinitas para a criação dentro da língua.

Na prática docente, evitou-se textos que naturalizam o colonialismo lusitano, mesmo porque um país que escraviza em nome de Deus a fim de obter lucros, não pode passar impune na história. O nacionalismo perpassa pela mesma razão. Não há como não criticar a postura da burguesia brasileira que acredita em Deus, explora o trabalhador, a trabalhadora, sonega impostos e depois vai embora do país, dizendo que o país não presta. Já os textos que apontam criticamente, que mostram a luta política e simbólica, são bem-vindos. É necessário ver a história do ponto de vista dos explorados e não dos exploradores. Esses já dominaram demais, tornando-se urgente dar voz aos que mais necessitam, à periferia, à margem.

A Literatura de Carolina Maria de Jesus favorece a reflexão da atuação docente, principalmente ao se ligar à oralidade e à música, ambas vindas do povo, e do povo chegam às Letras, sempre refletindo e criticando a burguesia brasileira. Auxilia a pensar os textos da Literatura produzidas no Brasil e, também, em Portugal, sob o escopo das ideologias dominantes ainda em voga, tanto lá quanto cá. A principal contribuição da obra *Quarto de Despejo* foi constatar que as ruínas do passado ainda insistem em aparecer ora aqui, ora acolá, mas o povo está caminhando em luta, seja por meio da oralidade ou das letras que incomodam a elite. De fala em fala, cria-se uma música, cria-se um texto, cria-se uma dança, cria-se um povo consciente por seus direitos.

A Literatura pode ser capaz de transformações significantes na vida de um indivíduo ou de uma comunidade, propondo autorregulagem e autoconhecimento. Ainda há predomínio de paradigmas na educação atual, com textos voltados aos “clássicos”. Mas, também, ao que estão denominando Literatura Negra, principalmente a Literatura segmentada por mulheres. Segundo Souza (2014), arvora-se então, como alternativa, a bandeira da diversidade; e a literatura, em vez de vista como linguagem densa e opaca,

basicamente autorreferente, passa a ser concebida como transparência às diversas identidades não reconhecidas ou dominadas: a das mulheres, a das etnias politicamente minoritárias, a dos homossexuais, a das sociedades pós-coloniais. Desabilitam-se, assim, tradicionais conceitos unitários, como os de Literatura Universal e de Literatura Nacional, propondo-se, como seus conjuntos articulados segundo o critério da diversidade, como Literatura Feminina, Literatura Gay, Literatura Indígena, Literatura Afrodescendente, Literatura Pós-Colonial. Novas leituras surgem, reivindicando olhares antes vistos com preconceito e achismos.

O curso de especialização de *Literaturas de Língua Portuguesa – Brasil, Portugal e Moçambique* proporcionou a reflexão de como as Literaturas ou as Letras/Humanidades passam um contexto exemplar de como ela mesma se renova, toma forma a cada época em que é estudada, nacionalizada, excluída. A Literatura vive e renasce todos os dias em bancos escolares.

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta de prática de leitura com a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para estudantes da 1ª Série do Ensino Médio. A partir desse texto, busca-se refletir como o racismo está presente em trechos de seu texto e de que forma ele também está presente na sala de aula, na forma do preconceito linguístico, o preconceito por cor da pele e o preconceito de classe. Para isso, a fundamentação teórica escolhida se pauta nos pressupostos de Victor Cklóvski (1975), nos teóricos Jouve (2012), Eagleton (1994), Cosson (2009, 2014) e *Quarto de Despejo* (2020).

A história brasileira é marcada por 388 anos de escravidão dos povos vindos da África. Após anos da abolição da escravatura, não é difícil encontrar, no dia a dia, a presença de racismo estrutural entre as pessoas que deveriam resguardar e lutar por razões igualitárias em uma sociedade fragmentada pelo racismo: a escola. Por meio da análise de trechos da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, busca-se apontar o racismo estrutural visto de perto por alguém que lutou e por meio de suas letras, colocou seu nome nos registros da Literatura Mundial. Mas, que ainda pode ser apontada como um indivíduo que não usava a língua portuguesa hegemonicamente constituída, em um processo de apagamento de outras variações linguísticas

manifestadas no país, dentre outras questões. Durante o século XIX, muitas mulheres, crianças e homens, foram trazidos da África à força e forçados a aprender a língua portuguesa sem qualquer instrução formal. Para Zilles, imposta a língua [portuguesa] sem garantir os meios para a sua efetiva aprendizagem parece ter sido (e continuar sendo) receita perfeita para ela [a língua] ser instrumento de exclusão social. (ZILLES, 2002, p. 153). Uma das consequências é o preconceito linguístico, que estigmatiza a fala popular.

No início do curso de especialização em *Literaturas de Língua Portuguesa, Identidades, Territórios e Deslocamentos: Brasil, Moçambique e Portugal - Diferentes Olhares*, foi solicitado a produção de um plano de aula que pudesse ser aplicado em uma turma tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. O livro de Carolina Maria de Jesus acabara de chegar à escola e, após a leitura da obra, foi escolhida para essa atividade. Com uma análise do que fora estudado no curso de especialização, decidiu-se explorar o preconceito linguístico em sala de aula, tanto de professores quanto de alunos. Bagno questiona: “é preciso saber gramática para falar e escrever bem?” (BAGNO, 2001, p. 62). Em *Sofrendo a gramática*, Perini afirma que “não existe um grão de evidência em favor disso; toda a evidência disponível é em contrário” (PERINI, 2000, p. 50). Afinal, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores e os bons escritores seriam especialistas em gramática. E mesmo Machado de Assis que, ao abrir a gramática de um sobrinho, espantou-se com sua própria “ignorância” por “não ter entendido nada”? Para Luft, “Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. (LUFT, 1985, p. 21).

A literatura de Carolina Maria de Jesus é livre e autêntica de si. Mas o racismo e o preconceito linguístico se manifestam de variadas maneiras. Há em curso uma nova edição de alguns livros de Carolina Maria de Jesus, que pretende eliminar as marcas de sua escrita. Acauam Oliveira (2021) afirma: os "erros" de Carolina não são "erros", ou "desvios", mas marcas. Marcas do racismo, marcas de exclusão do cânone, marcas do caráter excludente da literatura brasileira.

A contribuição da proposta apresentada neste texto poderá servir de guia para professores que se interessarem pelo assunto e sentirem a necessidade de apresentar

para seus alunos uma obra cujo enredo se mostra muito produtivo para muitas áreas de conhecimento, como é o caso da literatura produzida por Carolina Maria de Jesus.

2 Contextualização

No Ensino Básico ao Superior, não houve uma experiência de leitura compartilhada para o letramento literário. No Ensino Básico, na década de noventa, na periferia de São Paulo, havia poucas bibliotecas nas escolas. Existiam as bibliotecas públicas, mas os estudantes as frequentavam para fazer cópias dos livros de História, Biologia e outras disciplinas, raramente para a leitura. Houve mudanças significativas no Ensino Superior, ao apresentarem os clássicos da Literatura Mundial e, conseqüentemente, os clássicos da Literatura Brasileira, com o foco na história e nas análises psicológicas de alguns personagens. Também foram ministradas aulas sobre uma parcela da Literatura Clássica.

Na prática docente, foram realizadas muitas Rodas de Leitura, buscando inserir o aluno em determinados contextos e analisando alguns aspectos de obras como *Dom Quixote de La Mancha*, que requer certos conhecimentos em relação ao contexto histórico, análise psicológica da personagem e conhecimentos geográficos e históricos sobre a Espanha. Mas uma proposta de leitura compartilhada como prática de leitura nunca ocorreu conforme propõe Cosson (2014).

A disciplina *Projetos Integrados Para o Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa* auxiliou a melhorar as práticas de letramento literário no decorrer do curso, proporcionando uma leitura com melhor embasamento teórico aos alunos da escola pública aonde o autor deste artigo ministra aulas. Há de se observar que as práticas de leituras propostas por Cosson (2014) enfatizam o Ensino Básico, que é pouco explorado nos cursos universitários brasileiros, que optam por levar o educando ao conhecimento teórico, mas com pouca vivência prática. Portanto, essa disciplina proporcionou praticidade no ensino de literatura na escola pública.

Para Eagleton (1994), é necessário destruir o mito de que na análise não existe o prazer da leitura. Há cinco passos para se ter uma boa leitura em literatura no ensino-aprendizagem. São eles: início, que consiste em uma boa dose e preparação da cena; personagem, que não são de carne e osso, mas ficção, imaginação; narração, são

narradores oniscientes ou onipresentes; interpretação, em que uma mesma obra está sujeita a muitas interpretações. E, por último, o valor: o que faz uma obra ser considerada boa ou ruim. Isso depende muito da questão subjetiva, da verossimilhança e da profundidade.

Além disso, o letramento literário, segundo Cosson (2009), consiste em motivar o aluno para se aprofundar no texto, utilizando questões temáticas que tenham ligação direta com a obra a ser lida. Nesse caso, é possível destacar os acontecimentos narrados em trechos da obra de Carolina Maria de Jesus (2020), como o fato de que ela vivia na miséria por causa das políticas públicas que eram insuficientes, além da força do racismo estrutural, que não permitia que as populações mais carentes, principalmente os negros, tivessem acesso ao que a sociedade produzia, como exemplificado no trecho a seguir.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2020, p.11)

Ainda, segundo Eagleton (1994), é possível analisar uma obra criticamente sem perder o prazer que a mesma proporciona.

O erro mais comum dos estudantes de literatura é ir diretamente ao que diz o poema ou o romance, deixando de lado a maneira como se diz. Ler desse modo é abandonar a 'literariedade' da obra – o fato de ser um poema, uma peça ou um romance, e não um texto sobre o grau de erosão do solo no Nebraska. As obras literárias, além de relatos, são peças retóricas. Exigem um tipo de leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade – de fato, a tudo o que entra na categoria de 'forma'. (EAGLETON, 1994, p. 4).

Dessa forma, a obra de Jesus (2020), quando trabalhada segundo os teóricos acima citados, pode proporcionar uma leitura alerta, atenta ao tom, ao gênero, à

gramática, à ambiguidade e com possibilidades de discussões significativas ligadas ao racismo, preconceito linguístico ou por cor de pele nas salas de aula da escola pública.

3 Fundamentação teórico-metodológica

Para Candido (2011) o ensino-aprendizagem de leitura literária é um direito humano ou humanizador. Todos devem ter direito à Literatura, entendida por ele,

Da maneira mais ampla possível, [como] todas as criações de toque poético ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o chamado folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Dessa forma, a literatura é, 'uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação'. (CANDIDO, 2011, p. 176).

Então, em termos educacionais, ele conclui:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 2011, p. 177-178).

Há pouco mais de um ano, a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, chegou às salas de leitura das escolas públicas paulistas. É necessário salientar, contudo, que, na escola pública, nas aulas de Língua Portuguesa, a Literatura ainda precisa ser mais estudada com viés à vida dos alunos. Segundo Maria Amélia Dalvi, os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social, econômico e cultural (DALVI et al., 2013). Mais adiante, Roland Barthes

enuncia que a Literatura assume muitos saberes. Em um romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (DALVI et al., 2013). Na proposta de leitura de uma obra como a de Carolina Maria de Jesus, é possível trabalhar os variados saberes de uma sobrevivente na favela, assim como Robinson Crusoe em uma ilha deserta. Sendo assim, a leitura, em sala de aula, de um trecho da obra *Quarto de Despejo*, intitulado *13 de maio*, o professor estará articulado com a vida, com a história e o contexto social, econômico e cultural, sugeridos pelos autores.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpatico para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: – “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”.

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetaculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2020, p. 30).

O próprio título já está em consonância com a História o mundo narrado por Carolina pode muito bem ser o mundo de muitos pais de alunos da escola pública. O contexto social, econômico e cultural está escancarado, assim, Roland Barthes aponta o

caminho e afirma que a literatura assume muitos saberes. Pode-se, também, seguir os caminhos da história, da economia, da miséria e do racismo, pois Carolina Maria de Jesus afirma: “(...) nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos”. (JESUS, 2020, p. 30).

Para Jouve (2012), há uma crise dos estudos literários que se expressa pelas seguintes indagações: de que serve o ensino de Letras? É preciso mantê-lo? Se sim, o que fazer nele? Para ele, o ensino literário ajuda a aumentar a cultura. Mas o objeto central não é o conhecimento da linguagem? Sim, mas a linguagem não se limita só à Literatura, para Jouve (2012), os estudos literários deveriam se fundir na Linguística.

Mesmo que se pense que a arte é uma noção eminentemente relativa, é impossível, na prática, manter-se nessa posição. Qual o livreiro que responderá a um cliente que lhe pede conselho: ‘Todos os livros são iguais, é uma questão de gosto; não posso ajudar você em nada?’ É possível imaginar um professor universitário dando a mesma resposta a um estudante? O relativismo é ainda menos permitido aos ministros da Educação ou da Cultura, que têm obrigatoriamente de decidir na escolha dos programas ou das manifestações a subvencionar: por que mandar estudar Machado de Assis e não Rubem Fonseca (ou o inverso)? Por que financiar uma “parada tecno” e não um filme de vanguarda (ou o inverso)? A Literatura já é um significante em si mesma, a partir do século XIX o termo passa a ser utilizado para referir-se ao ‘uso estético da linguagem escrita’. (JOUVE, 2012, p. 30).

Portanto, a arte literária se difere das outras artes pelo fato de ser sempre fato de sentido, materializado pela linguagem verbal, o que não acontece com toda obra de arte.

Por muitos anos, a obra de Carolina Maria de Jesus não foi considerada Literatura por parte de alguns intelectuais brasileiros. Quando observamos o que dizem os formalistas russos, como Victor Chklóvski (1914) e Roman Jakobson (1914), a Literatura sai da linguagem cotidiana e passa para uma linguagem que pode causar certo estranhamento (*ostraniene*), que seria proporcionado pela singularização da apreensão estética promovida pela forma artística. Para esses teóricos, a Linguística faz parte dos requisitos para a construção da Literatura. Percebemos que a Literatura brota justamente desse estranhamento, desse não pertencimento, dessa linguística própria de Jesus

(2014), que é o cânone e do qual *Quarto de Despejo* está inserido. Mais adiante, Eagleton (1994) vem nos confirmar o que a Literatura de Jesus (2020), já anunciava:

É certo que muitas das obras estudadas como Literatura nas instituições acadêmicas foram ‘construídas’ para serem lidas como Literatura, e também é certo que muitas não o foram. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e, outros, tal condição é imposta. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. (EAGLETON, 1994, p.9)

A Literatura possui especificidades em relação às demais artes. Para Jouve (2012), “a arte literária depende sua singularidade do fato de que o material que ela utiliza – a linguagem – já é em si mesmo um sistema significante”. Então, é possível afirmar que a arte literária, ao utilizar a linguagem, acaba construindo “vantagens” em relação às demais artes.

Certos textos foram construídos para serem literários, o que não é caso de *Quarto de Despejo*, que já nasceu literário. O texto literário deve passar por certas instâncias, como escolas, academias universitárias, críticos, críticas jornalísticas e, a partir disso, também é possível considerar *Quarto de Despejo* como texto literário, pois passou por todas essas instâncias.

Um dos objetivos do presente trabalho é abordar e combater o racismo estrutural encontrado na sala de aula nesses tempos sombrios. É possível combater o racismo com conhecimento e estudo dos povos vindos da África, com estudos relacionados aos intelectuais negros brasileiros, como Abdias do Nascimento, Milton Santos, Luiz Gama, Machado de Assis, Conceição Evaristo, Aline Midlej, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, entre outros. Esses intelectuais não são associados à negritude. Para a garota e o garoto da periferia ou do interior, trata-se de mais uma pessoa da televisão. Quanto mais discussões sobre o racismo e representatividade ocorrerem nas escolas, nas televisões, nos jornais, na Literatura, maior será a possibilidade de êxito no combate a todo tipo de preconceito. É necessário descolonizar algumas mentes de alunos e professores da rede pública estadual e do ensino público. Partindo da experiência docente do autor do artigo em questão, é possível afirmar que, em algumas escolas públicas e privadas no estado

de São Paulo, ocorre o preconceito linguístico e, principalmente, o racismo velado de alguns alunos e professores.

A obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, chegou à escola pública em um momento crucial da história brasileira recente. É cada vez mais urgente a discussão sobre racismo na sociedade e, principalmente, nas escolas, com os alunos. E por que não, a Literatura? Como afirma Roland Barthes, a literatura assume muitos saberes, e, em um livro como *Quarto de Despejo*, pode-se discutir, embasados teoricamente, o racismo, o preconceito linguístico, e a condição da mulher em uma sociedade patriarcal, marcada por estereótipos negativos em relação à mulher negra e ao homem negro brasileiro.

Pretende-se, em uma 1ª série do Ensino Médio, discutir e analisar o racismo denunciado explícita e implicitamente em trechos da obra *Quarto de Despejo*. Para isso, serão utilizados textos teóricos para fundamentar a obra como sendo literária e, por meio de trechos de *Quarto de Despejo*, trazer à tona questões raciais latentes à literatura de Carolina Maria de Jesus.

Serão utilizados fragmentos da obra para se discutir mais profundamente o racismo incrustado na sociedade, buscando refletir sobre o lugar de fala do aluno em sala de aula, como sendo construtor de seu protagonismo no ambiente escolar.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

— É pena você ser preta.

Esquecendo-se eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2020, p. 64)

Com o trecho anterior, em que a autora cita e reflete sobre o racismo vivenciado em sua rotina, pretende-se que o aluno reflita, perceba o racismo ao seu redor e o combata.

Com o embasamento na teoria de Rildo Cosson, o *Letramento Literário – Teoria e prática*, busca-se atingir os quatro passos principais, que são: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação prepara o aluno para entrar no texto. Já a introdução apenas permite que o aluno receba a obra de uma maneira positiva, não podendo se estender muito. Assim, deve haver uma seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, com ênfase em aspectos de paratextos, além da necessidade de deixar o aluno fazer, por si próprio, outras incursões na materialidade da obra. A leitura, por sua vez, pode ser apresentada de diversas maneiras, com a leitura de alguns trechos menores que tenham ligação com o texto maior ou a leitura de um capítulo ou trechos para serem trabalhados estilisticamente, com uma microanálise de recursos expressivos. E a interpretação, com o momento interior e exterior, sendo o primeiro a decifração minuciosa do texto, com o ápice no entendimento global da obra, e, o exterior, com a materialização da interpretação, construindo-se um sentido para um determinado grupo. (COSSON, 2009).

Também será buscada a importância do caráter humanizador da Literatura, viabilizado por meio da leitura entendida como como experiência capaz de provocar a subjetividade leitora.

Além disso, haverá a organização dos Círculos de Leitura, sugeridos por Cosson (2014) nas práticas de letramento literário. Para isso, será utilizado o Círculo Estruturado, que consiste em “obedecer a uma estrutura previamente estabelecida com papéis definidos para cada integrante e um roteiro para guiar as discussões, além de atividades de registro antes e depois da discussão” (COSSON, 2014, p. 158), por se tratar de uma eventual aplicação do presente trabalho em uma série de Ensino Médio da escola pública do estado de São Paulo.

Jesus (2020) denuncia: “Eu deitei, mas não dormi. Estava tão cansada. Ouvi um ruído dentro do barraco. Levantei para ver o que era. Era um gato. Eu ri, porque eu não tenho nada para comer. Fiquei com dó do gato.” (Jesus, 2020, p. 186). Ainda hoje há gente com fome e isso é urgente. Esse é o caráter humanizador da Literatura, como afirma Candido (2011), ao propor que a Literatura forneça a possibilidade de se viver dialeticamente os problemas.

4 Análise, discussão e resultados esperados

Pretende-se, no presente artigo, amparados teoricamente em Cklóvski (1975), Eagleton (1994), Cosson (2009, 2014), dentre outros, dar subsídios ao professor do Ensino Básico público paulista para abordar a literatura de Carolina Maria de Jesus, especialmente *Quarto de Despejo*, presente nas salas de leitura de suas respectivas escolas. Pretende-se discutir, combater, dissuadir o racismo que ainda persiste nesse ambiente de pluralidade, que é a escola pública e laica do estado de São Paulo. E que é visto de perto em partes da obra de Carolina Maria de Jesus (2020), *Quarto de Despejo*. O racismo ainda é uma espécie de tabu entre os professores e alunos na escola. Pretende-se, também, abordar a questão do preconceito linguístico muito frequente na escola, por se tratar de estudos ainda voltados à gramática normativa da língua portuguesa.

Sabe-se que a presença da literatura na área da educação vem de tempos remotos, mas que só a partir do século XVIII é que passou a ser chamada de Literatura e que tomou a forma como é conhecida hoje. Na Grécia antiga, ela já era utilizada para a educação. Para professora Regina Zilberman (1990),

Que a poesia assumiu desde cedo propensão educativa, prova-o o fato de Psístrato, modernizador da sociedade ateniense durante o século VI a.C., ter organizado os concursos de declamação das epopeias: com isso, reconheceu que elas ofereciam ao povo padrões de identificação, imprescindíveis para ele se perceber como uma comunidade, detentora tanto de um passado comum, quanto de uma promessa de futuro, constituindo uma história que integrava os vários grupos étnicos, geográficos e linguísticos da Grécia. (ZILBERMAN, 1990, p. 12).

Dessa forma, espera-se que o professor, ao lecionar a obra de Carolina Maria de Jesus, faça que o aluno perceba, por meio de suas letras, os padrões de identificação e passe a se reconhecer como comunidade, tanto com um passado comum, quanto em grupos étnicos dentro da sociedade contemporânea brasileira. Isso seria uma grande contribuição da Literatura para o ensino básico das escolas públicas.

5 Considerações Finais

A partir da ideia de que há racismo, preconceito linguístico e de classe social em nossa sociedade e, conseqüentemente, nas escolas públicas, serão abordados trechos da obra literária de Jesus (2020) para se refutar os estereótipos e preconceitos em um ambiente plural e que deveria combater enfaticamente qualquer tipo de discriminação.

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta de prática de leitura com a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para estudantes da 1ª Série do Ensino Médio.

A partir desse texto, busca-se refletir como o racismo está presente em trechos de seu texto e de que forma ele também está presente na sala de aula, na forma do preconceito linguístico, o preconceito por cor da pele e o preconceito de classe. Para isso, a fundamentação teórica escolhida se pauta nos pressupostos de Victor Cklóvski (1975), nos teóricos Vicent Jouve (2012), Terry Eagleton (1994) e Rildo Cosson (2009, 2014) e *Quarto de Despejo* (2020).

Quarto de Despejo nos proporciona uma visão de mundo ímpar, nas letras de sua autora, mulher, mãe solo, negra. A relevância dessa obra para a leitura e interpretação tanto de mundo quanto de lugar de fala é imprescindível para a formação de leitores nos bancos escolares na atual conjuntura brasileira.

A literatura pressupõe regulação, autoconhecimento e, uma obra como *Quarto de Despejo*, possui a possibilidade de proporcionar discussões relevantes sobre o preconceito em geral, presente de variadas maneiras em nossa sociedade. Segundo Roland Barthes (1979), a literatura assume muitos saberes e, um romance como *Quarto de Despejo*, insere o aluno em um mundo cruel, excludente e extremamente violento, para uma mulher, negra e mãe solo. Candido (2011) afirma que o ensino-aprendizagem de literatura é um direito humano e humanizador. Sendo assim, por meio das letras de Jesus (2020), é possível combater todos esses estereótipos com uma obra de valor ímpar.

O compartilhamento de leitura literária se dará por meio do Círculo Estruturado, proposto por Cosson (2014), que é definir quem faz o que previamente, e, também, atividades antes e depois das discussões. Já a concepção de leitura literária se dará por

meio da literariedade dos textos de literaturas sugeridos por Eagleton (1994), que é conduzir o aluno ao título, ao início da narração, ao personagem, a interpretação e ao valor. Na interpretação, o aluno será inserido na lógica e na hermética de Eco (2016), que consiste em analisar um trecho de mais fácil compreensão para se partir para um trecho mais complexo de um texto literário. Dessa forma, pretende-se que os alunos conheçam a autora Carolina Maria de Jesus, percebam como ela sofreu com o racismo estrutural vigente até hoje em nossa sociedade e que procurem se inserir e ler mais obras de Jesus e obras de literatura afrodescendente, tanto brasileira quanto africanas de língua portuguesa.

O curso de especialização *Literaturas de Língua Portuguesa – Brasil, Portugal, Moçambique – Diferentes Olhares* proporcionou variadas possibilidades de leitura, a começar pelo formato do curso, *on-line*, que inseriu os participantes na modernidade, ao utilizar a tecnologia vigente em nossa sociedade. Houve a criação de um fórum para os alunos, de um *podcast* para inseri-los no contexto da leitura literária. No percurso de aprendizagem do autor do artigo em questão, foi possível melhorar a escrita em geral, pois o curso exige esse exercício. Além de um melhor andamento das aulas de leitura literária nas escolas que os alunos exercem a função docente, de forma remota ou presencial. O curso mostrou a seus participantes que a Literatura é exatamente como propõe Candido (2011), humanizadora.

Portanto, a proposta de intervenção de ensino de literatura se constitui como uma prática modificadora para os alunos quando eles perceberem que *Quarto de Despejo* está ancorada em Evaristo (2017), que afirma: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. **Aula**. Trad. L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CANDIDO, A. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHKLÓVSKI, V. **A arte como procedimento. Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DALVI, M. A. REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, R. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- EAGLETON, T. **Como ler literatura: um convite**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017. E-book Kindle.
- EAGLETON, T. **Introdução: O que é literatura? Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ECO, U. **Os limites da interpretação**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2016. E-book Kindle.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo - diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2020.
- JOUBE, V. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- LUFT, C. P. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 1994.
- OLIVEIRA, A. **Gramática de Carolina Maria de Jesus serve para marcar o racismo na literatura**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/gramatica-de-carolina-de-jesus-serve-para-macar-o-racismo-na-literatura.shtml>>. Acesso em: 24 mai. 2021.
- PERINI, M. A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2019.
- SOUZA, R. A. **A construção do conceito de Literatura e o estudo das Literaturas nacionais**. Cadernos de Letras da UF, Niterói, v. 9, p. 109-110, 1994.
- ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. **Literatura e pedagogia – ponto e contraponto**. Série confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- ZILLES, A. M. S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (org). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola editorial. 2ª edição. 2002.

SOBRE OS AUTORES:

Roberto Batista Henrique é licenciado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Bandeirante – UNIBAN; com pós-graduação em “Literaturas de Língua Portuguesa-Brasil, Moçambique e Portugal: diferentes olhares” pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo); é mestrando em Letras, programa Proletras, pela UNESP (Universidade Júlio de Mesquita Filho), câmpus Assis-SP. É professor efetivo da rede pública estadual desde 2010, ministrando aulas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. E-mail: robertohenrique53@gmail.com.

Deisi Luzia Renata é licenciada em Letras e especialista em Língua e Cultura Inglesa pela URI – campus de Frederico Westphalen. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora Tutora On-line do Núcleo de Educação à Distância da Católica de Santa Catarina – Centro Universitário, de Jaraguá do Sul/SC. E-mail: deisil.zanatta@gmail.com.